

**ADEMAR FERNANDES DE ORNEL
ADRIANE MARIA DELGADO MENEZES
VITOR HUGO BORBA MANSKE
MARILUCE DOS SANTOS KURZ VIEIRA**



RESUMO

O conteúdo de Olericultura (estudo do cultivo de plantas herbáceas, cultivadas em hortas), ministrado nos Cursos de Técnico em Agropecuária, é de fundamental importância, pois permite aliar teoria e prática, tornando a aprendizagem mais significativa. Com este trabalho, buscamos responder uma problemática de pesquisa: Os alunos da zona rural apresentam maior facilidade na construção do conhecimento pela significância dada aos conteúdos de olericultura em relação aos alunos da zona urbana? O objetivo deste trabalho é: Identificar se os conteúdos de Olericultura, desenvolvidos na disciplina de Agricultura Geral, são mais bem compreendidos por alunos oriundos da zona rural ou da zona urbana. Em termos metodológicos de pesquisa, trabalharemos com estudo de caso, utilizando de investigações inicialmente de cunho quantitativo, em que aplicaremos um questionário fechado à 23 alunos da turma, do Curso de Agropecuária, de uma escola de ensino médio do interior do RS, do ano letivo de 2016, com o intuito de verificar a relação destes com as atividades práticas de agricultura e, em especial, de olericultura, ademais suas preferências e facilidades na construção de conceitos. Após, os dados serão mapeados e as análises realizadas através do programa excel. Logo, procederemos à investigação qualitativa, caracterizada pela realização de observações in loco, na sala de aula e demais espaços destinados às aulas práticas, no período de desenvolvimento das atividades referentes ao ensino de olericultura pelos alunos. Após realizada as observações, passaremos aos questionários abertos, os quais serão aplicados à totalidade de alunos da referida turma. Agruparemos as perguntas em categorias: nível de conhecimento do conteúdo, experiências de práticas agrícolas e facilidade de aprendizagem do conteúdo. Este trabalho nos proporcionará identificar as limitações postas ao Ensino de Olericultura, a fim de qualificar o mesmo e, consequentemente, valorizar o trabalho pedagógico desenvolvido no CAVG, no sentido de atender as demandas de acordo com as especificidades dos alunos. O produto final pretendido é a construção uma Cartilha, acerca das facilidades e desafios enfrentados pelos alunos das zonas rural e urbana, no estudo de olericultura.

Palavras-chave: Alunos da zona rural e urbana, facilidades de aprendizagem, Ensino de Olericultura

INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTO

A fim de dar conta dos temas que norteiam este trabalho de dissertação, torna-se imperioso trazer ao debate as questões que nos conduziram até o momento em curso, o qual marca o final de um ciclo de estudos atinentes à conclusão do Curso de Mestrado em Ciências e Tecnologias na Educação.

A esse respeito, parafraseamos Rubens Alves (2011), quando este autor afirma ser necessário, ao tratar-se de ensino e educação, enfatizar que àquele que escreve, neste caso, a dissertação, não é alheio ao processo de construção do seu trabalho. Muito pelo contrário, é sujeito ativo na criação e manutenção de concepções. Assim, e pela longa caminhada nos temas que aqui nos



propomos a discutir, ponho-me como sujeito pensante, reflexivo e crítico dos debates que seguem.

Neste íterim, esta seção tem por propósito apresentar, num primeiro momento, o ambiente em que desenvolvemos a pesquisa. Quer dizer, caracterizar o espaço em que nos debruçamos sobre estudo. Logo, a trajetória acadêmica e profissional do pesquisador que aqui vos fala será abordada, tendo por intuito evidenciar as aproximações e distanciamento deste com o tema investigado.

1.2 O AMBIENTE DE PESQUISA E SEU HISTÓRICO¹

O Campus Visconde da Graça, do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL/CaVG), teve sua origem na década de 1920 como Patronato Agrícola Visconde da Graça, sendo, no entanto, inaugurado em 12 de outubro de 1923. Seu nome, Visconde da Graça, foi escolhido em homenagem ao Sr. João Simões Lopes Filho, que detinha o título e a propriedade da antiga fazenda Estância da Graça, doada ao Ministério da Agricultura para a criação do patronato.

Na década de 1930, tal patronato foi transformado em Aprendizado Agrícola Visconde da Graça e, em 1946, passou a condição de Escola Agrotécnica. Em 03 de fevereiro de 1964, o Colégio Agrícola Visconde da Graça e o Colégio de Economia Doméstica Rural conformaram o Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça, vinculado a Universidade Federal de Pelotas.

A partir da Portaria 715/2010, o Ministério da Educação consolidou a decisão do referendo em relação à vinculação do CaVG ao IFSUL, realizado pela comunidade do Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça e, este, passou a constituir o Campus Pelotas Visconde da Graça do IFSUL. Atualmente o CaVG é um dos quatorze campi vinculados ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSUL).

Ademais, é constituído com área aproximada de 200 ha, a 8 Km do centro urbano de Pelotas, desenvolvendo um Projeto Político Pedagógico baseado nos princípios da educação pública gratuita, unindo ensino, pesquisa, extensão e prática produtiva, com um modelo dinâmico de geração, transferência e aplicação de conhecimentos. O CAVG mantém ao longo dos seus 93 anos, a sua proposta pedagógica pautada no “aprender fazendo”.

1.3 MOTIVAÇÃO E OBJETIVOS

Em nossa trajetória acadêmica e profissional, sempre acreditamos na importância de um olhar atento ao contexto do aluno, procurando valorizar seus conhecimentos adquiridos de forma informal, pelas vivências de atividades desenvolvidas em seu cotidiano. Segundo Perrenoud (2000), tais conhecimentos dos alunos são dotados de diferentes níveis de desenvolvimento, informações, interesses e saberes prévios, embasados em distintas maneiras de aprender. Outrossim, é preciso considerar os aspectos socioculturais dos alunos, notadamente para o emprego de atividades práticas, tanto por nossas perspectivas enquanto alunos – termos vivenciado práticas significativas –,



bem como por desenvolvê-las como professor.

E é deste modo que procuramos preparar nossas aulas. Ao considerar o contexto social em que nossos alunos se inserem como, também, os conhecimentos por eles adquiridos a partir do cotidiano, objetivamos a busca de experiências e, conseqüentemente, resultados significativos para o contexto de ensino e aprendizagem.

Assim, compreendemos que o estudo de olericultura é de grande importância para os alunos, haja vista que parcela significativa deles participa do cultivo de pequenas hortas domésticas em suas casas. Tal fato converte os conteúdos de olericultura, em verdade, num complemento das ações desempenhadas em casa ao estudo de sala de aula, tornando a aprendizagem mais significativa, logo, mais prazerosa, uma vez que teoria e prática caminham juntas.

Os conhecimentos e as vivências possibilitados pelo estudo teórico e prático dos conteúdos de olericultura, permitem ao aluno perceber a importância deste para a agricultura, para o mercado agrícola, e, por que não, para as suas vivências pessoais, quer dizer, em casa. Os recursos didáticos e pedagógicos utilizados neste, aproximam-se, em grande medida, da realidade de mundo dos alunos, favorecendo a partilha de experiências entre àqueles oriundos do campo e àqueles oriundos da parte urbana da cidade. Cabe ressaltar que ambos alunos, embora possuam práticas e experiências distintas, têm saberes importantes que, quando partilhados, se complementam.

Neste contexto, o presente projeto tem como problematização: Os alunos da zona rural, em relação aos alunos da zona urbana, apresentam maior facilidade na construção do conhecimento pela significância dada aos conteúdos de olericultura?

1.3.1 Objetivo geral

Identificar se os conteúdos de Olericultura, desenvolvidos na disciplina de Agricultura Geral, são mais bem compreendidos por alunos oriundos da zona rural ou da zona urbana.

1.3.2 Objetivos específicos

- Analisar se os alunos da zona rural apresentam maior facilidade que os alunos da zona urbana, no que se refere a aquisição dos conteúdos ministrados na disciplina de Agricultura Geral, no conteúdo de Olericultura;
- Associar os conhecimentos empíricos que demonstram, ou não, esta facilitação na aquisição dos conteúdos ministrados na disciplina de Agricultura Geral, no conteúdo de Olericultura, pelos alunos da zona rural, em detrimento dos alunos da zona urbana;
- Comparar as habilidades entre os alunos da zona rural e os da zona urbana em relação à facilidade, ou não, na aquisição dos conteúdos de Olericultura, ministrados na disciplina de Agricultura Geral.



1.4 METODOLOGIA DE DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

Nosso projeto está pautado no Estudo de Caso, pois tem por objetivo aprofundar a descrição de determinada realidade. Nesta perspectiva, valemo-nos dos dizeres de Yin (2001, p.19), no qual o autor assevera ser o estudo de caso “a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo ‘como’ e ‘por que’, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real”. Ademais, é importante ressaltar que este mecanismo de investigação usa ampla variedade de fontes de informação, a fim de retratar a realidade de forma completa e profunda. A esse respeito, Trivínos (1987) adverte que a população e a amostra devem ser claramente delimitadas.

Diante disto, nosso estudo de caso centrar-se-á na Turma, do 1º ano integrado de uma escola do RS, que contêm 23 alunos. Tal turma figura entre as escolhidas para a pesquisa em função desta apresentar frequência elevada em relação às outras turmas deste mesmo ano. Outrossim, pelo baixo índice de alunos repetentes, situação esta que favorece nossa pesquisa ao incidir em alunos que, pela primeira vez, aproximam-se do conteúdo de olericultura.

É válido ressaltar que tal pesquisa ocorrerá em dois momentos distintos, um primeiro voltado à abordagem de cunho quantitativo e, o outro, qualitativo. A coleta de dados na etapa quantitativa ocorrerá a partir da identificação dos alunos oriundos das zonas rural e urbana. Para tanto, será aplicado um questionário com perguntas fechadas, de múltipla escolha, aos alunos, com o intuito de verificar a relação destes com atividades práticas de agricultura e, em especial, de olericultura – suas preferências e facilidades na construção de conceitos.

Para a análise quantitativa dos dados coletados nos questionários acima citados, consideramos, conforme Gondim (2002), que a pesquisa quantitativa é realizada por meio de diferentes abordagens matemáticas, sendo que a mais utilizada é aquela que se baseia em métodos. Após, os dados serão mapeados e analisados através do programa Excel.

Posteriormente, passaremos à etapa qualitativa da pesquisa. Desta forma buscamos compreender as percepções dos alunos diante de suas realidades, o que, no nosso entender, contribui de forma efetiva para a investigação. A partir do momento em que se oportuniza observar as visões manifestadas pelos alunos das zonas rural e urbana, referentes à apropriação dos conteúdos de olericultura, permite-se ampliar o leque de informações a respeito destes sobre a disciplina em questão, qual seja, Agricultura Geral.

A afirmação acima logra sentido na visão de Ludke e André (1986, p. 18), na qual os autores afirmam que o “estudo qualitativo [...] é o que se desenvolve numa situação natural. É rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”.

Assim, na etapa qualitativa, será inicialmente proposta a realização de observações in loco.



Quer dizer, o pesquisador acompanhará os alunos na sala de aula e nos demais espaços destinados às aulas práticas, no período de desenvolvimento das atividades referentes ao ensino de olericultura.

Uma vez realizada as observações, passaremos a aplicação dos questionários abertos a 100 (cem) por cento dos alunos na Turma, tanto oriundos da zona rural como da zona urbana. As perguntas do questionário semiestruturado serão agrupadas em categorias, como:

I) nível de conhecimento do conteúdo, II) experiências de práticas agrícolas e III) facilidade de aprendizagem do conteúdo; de forma a propiciar um ambiente dialógico com os alunos, estabelecendo uma relação favorável às respostas.

Após, realizaremos o mapeamento e análise dos dados, o que nos permitirá identificar quais alunos apresentam maiores facilidades na aprendizagem do conteúdo de olericultura, nas turmas pesquisadas.

1.5 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para iniciarmos as discussões aqui postas, é imperioso recordar algumas informações abordadas por Rubens Alves (2011). Na visão do autor,

O método de justificar o que se diz por referência ao que outra pessoa escreveu em outro livro é característico da literatura teológica da Idade Média: o que o autor diz é verdade porque a mesma coisa foi escrita por outra autoridade, no passado. Em outras palavras: o que eu digo está comprovado porque outro já disse (ALVES, 2011, p. 48).

E é justamente a partir desta perspectiva que abordaremos o estudo de olericultura e as estratégias de apresentação dos conteúdos desta área do conhecimento. Pois, bem como nos adverte Alves (2011, p. 48) “é preciso ter coragem para dizer o que se pensa”.

Ainda assim, no que toca à olericultura, nos utilizamos dos estudos de Filgueira (2000), em que o autor a compreende enquanto ramo da horticultura que abrange a exploração de um grande número de espécie de plantas, comumente conhecidas como hortaliças, que engloba culturas folhosas, raízes, bulbos, tubérculos e frutos diversos.

No Brasil, a olericultura desenvolveu-se de maneira exponencial a partir da metade do século passado, durante a 2ª Guerra Mundial. Teve início em pequenas áreas ao redor das cidades, estendendo-se, posteriormente, para o espaço rural, de modo a contribuir de maneira efetiva no abastecimento do mercado, tanto no aspecto comercial, como industrial.

A partir da segunda metade do século XX, as dinâmicas expressivas do período conhecido como Revolução Verde, aqui no Brasil, incrementaram movimentos técnico científicos na direção de buscar melhores qualificações nas técnicas agrícolas, bem como na elaboração de variedades mais produtivas. Na década de 1970, surgem os Centros Estaduais de Abastecimentos S/A, as CEASA's,



com o intuito de normalizar e regularizar o comércio olerícola, objetivando uma oferta de produtos de maior qualidade.

Nas décadas de 1980, começam a haver uma preocupação em expandir a olericultura em todo território nacional, com a criação de variedades adaptadas as diferentes situações climáticas do país. Já nos anos 90, prolifera o sistema de cultivos protegidos através de casa de vegetação, estufas e hidroponia, com a finalidade de oferecer ao consumidor as hortaliças desejadas o ano todo.

Nesta perspectiva, entende-se que a olericultura tem um caráter extremamente intensivo, com curto espaço de tempo para o retorno do capital investido. Ademais, a mesma permite investimentos de pequeno a médio custo, utilizando-se de pequenas e médias áreas que, não raro, conformam-se a partir das condições financeiras do empreendedor. Outrossim, os produtos provenientes da olericultura são, especialmente nos dias de hoje – quiçá pela crescente preocupação da população com a saúde, com a qualidade dos produtos agrícolas –, indispensáveis ao cardápio da população (VILELA e HENZ, 2000).

Por tudo isso, a olericultura é considerada um componente importante nas estratégias agrícolas nacional, haja vista sua amplitude de variedades e produção adaptas às condições edafoclimáticas do território nacional. Do mesmo modo, ela possui grande relevância econômica e social, gerando emprego e renda, principalmente para a agricultura familiar.

Em função do exposto, considera-se que o ensino de olericultura é relevante na formação do técnico da área agrícola. Acredita-se que o conhecimento e o ensino deste conteúdo é importante para a formação de profissionais que assegurem o desenvolvimento produtivo, de forma a contribuir para a manutenção da comercialização e melhoria socioeconômica da comunidade envolvida.

1.6 O ENSINO DE OLERICULTURA

O Relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO-2010) define como os quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Nesta perspectiva, admite-se que os conteúdos de Olericultura não têm como objetivo único formar técnicos para o trabalho na agricultura, mas, sim proporcionar uma formação holística dos sujeitos dos diferentes espaços rurais e urbanos.

Assim, Antunes (2013) assevera que o ensino, neste caso representado pelo ensino de olericultura, deve ter o objetivo de oportunizar novos conhecimentos ao aluno, através dos conteúdos ministrados na sala de aula, sempre expostos de forma a permitir a partilha de experiências entre o grupo, onde o professor possa atuar como mediador. Desta forma, o aprendizado torna-se mais expressivo à medida que o conteúdo ministrado se incorpora ao conhecimento prévio do aluno.

Simultaneamente, o autor enfatiza ser essencial a realização de atividades práticas que opor-



tunizem o aprender a fazer, considerando os conhecimentos já trazidos pelos alunos, através de suas vivências extracurriculares, além de relacioná-los as teorias desenvolvidas durante as aulas.

Para Fourez (2003), essas atividades devem estar de acordo com a relação do homem com o ambiente, fundamentada na sustentabilidade, permitindo uma intervenção produtiva de forma a preservar os recursos disponíveis, oportunizando a convivência harmoniosa do homem com a natureza.

Mantida essa linha de raciocínio, tem-se como resultado a formação da pessoa, quer seja, o aluno, com consciência e filosofia de vida. É preciso que estes, encaminhem o processo produtivo de forma equilibrada, técnica e ecologicamente harmoniosa, de maneira espontânea em relação a si. Quer dizer, que este ato "signifique" algo natural na essência de seu ser, em outras palavras, que sua aprendizagem seja significativa – tema que se desenha abaixo.

1.7 A FORMAÇÃO DE ALUNOS DAS ZONAS RURAL E URBANA

A escola, em grande medida, é um dos espaços responsáveis pela educação formal dos jovens. Para tanto, esta deve considerar as diferentes maneiras de ser, pensar e agir, individuais e coletivas dos sujeitos que a ela se aproximam. Neste sentido, é preciso focar nas diferenças culturais de cada sujeito e, conseqüentemente, das comunidades nas quais estão inseridos (ANTUNES, 2013).

A compreensão da ideia posta acima é fundamental para entender os condicionamentos sociais, bem como se dá a apropriação dos conhecimentos pelos indivíduos. Logo, a escola precisa ter em sua proposta de atuação um olhar atento a pluralidade, valorizando todas as culturas, respeitando os diferentes saberes e buscando a mediação das realidades socioculturais dos indivíduos que a compõem.

Nas turmas de 1º ano do CaVG, neste caso específico, representada pela turma n.º 101, objeto deste estudo de caso, temos alunos tanto de origem rural, como de origem urbana, os quais apresentam entre si diferenças importantes quanto aos seus comportamentos, cultura, perspectivas de futuro, aptidões para o trabalho prático que, não raro, são frutos da influência e da estrutura sócio familiar de cada um deles.

Neste contexto, percebemos a singularidade do jovem rural, seus anseios e angústias para a construção da identidade "jovem". Tal construção é resultado das lutas específicas do seu contexto, as quais são permeadas pelas relações com os diferentes segmentos sociais do campo e pela influência dos meios de comunicação. É importante salientar que nos dois grupos de alunos em questão, os oriundos da zona rural e os da urbana, além das diferenças de origem existentes entre eles, há, ainda, as diferenças de classes sociais, que dão uma heterogeneidade ainda maior no universo



de estudo.

Se observarmos os grupos de jovens de origem rural, encontraremos várias divisões de classes sociais, entre as quais exemplificamos a classificação segundo o Conselho Monetário Nacional (CMN) para obtenção de crédito rural, que estabelece, a partir de 2013, a classificação dos produtores rurais em três categorias, conforme a renda anual na atividade agropecuária: Pequeno Produtor - até 160 mil reais; Médio Produtor - até 800 mil reais; e, Grande Produtor, com renda acima de 800 mil reais. Estas categorias se diferenciam em função do acesso das famílias rurais à terra, da utilização do trabalho familiar ou assalariado e da utilização de maquinários.

Percebe-se, a partir das observações in loco realizadas no decorrer da pesquisa de mestrado, a qual é aqui apresentada no formato de qualificação, que os alunos rurais, em grande medida, possuem uma percepção clara dos condicionantes da sua realidade, indispensáveis à manutenção do grupo familiar. A herança de conhecimentos e informações transmitidas no bojo familiar, de certo modo profissional, exercem papel fundamental na formação desses jovens, cuja a identidade é construída do saber herdado pela tradição familiar. Eeis que, desde cedo, aprendem com os pais e irmãos mais velhos o trabalho da terra. Este saber se constitui nas relações da família com o campo e na integração com a natureza, através da realização de atividades produtivas diárias.

Nos relatos dados pelos alunos rurais em sala de aula, de imediato percebe-se que a vivência no campo oportunizou um saber próprio. Estes saberes, mesclados com os saberes recebidos em outras instâncias, não formais, como igrejas, associações, meios de comunicação, além daquelas aprendidas em espaços formais, como a escola, os leva a ampliar conhecimentos, bem como a fazer relações com outras áreas do conhecimento, a exemplo da Geografia (clima, físicos, topografia, água, solo, etc.), Biologia (vegetação, fungos, animais), entre outros, nos quais estão o mercado, política agrícola, etc.

Conforme Grzybowski (1987), os novos conhecimentos, combinados ao saber adquirido no trabalho e na vida, não apenas redefinem os sujeitos, mas são partes das condições que os mesmos criam na perspectiva de ampliar sua capacidade de resistência, seu espaço econômico na agricultura brasileira. Portanto, percebe-se a diferença de perfil entre o aluno oriundo da zona rural e o aluno oriundo da zona urbana, até mesmo nas suas fases de desenvolvimento e apropriação do conhecimento.

Há que se ter em mente que, para àqueles da zona rural, a infância e a adolescência não estão nitidamente separadas. Ao contrário, para os alunos do centro urbano, estas fases de crescimento possuem etapas definidas, pois que suas atividades são fortemente influenciadas pelos meios de comunicação, pelos grupos de amigos e pela própria escola, dando-lhes outras perspectivas de vida.

Diante deste contexto, não se pode ignorar as diferenças existentes entre os alunos oriundos



da zona urbana e os alunos oriundos da zona rural, em especial nas aulas de agricultura, no conteúdo de olericultura, devendo-se, enquanto professor, buscar estratégias para a sala de aula que contemplem as especificidades destes alunos.

Assim, podemos nos basear nos ensinamentos de Forquin (1993), o qual assevera que a escola não pode ignorar os aspectos contextuais da cultura (o fato de que o ensino se dirige a tal público, em tal país, em tal época). Em verdade, a escola deve, sempre, esforçar-se para pôr ênfase no que há de mais geral, de mais constante, de mais incontestável. Por isso mesmo, de menos cultural, no sentido sociológico do termo, nas manifestações da cultura humana.

Portanto, devemos utilizar mecanismos que permitam que as diferenças culturais, sejam utilizadas e percebidas, como oportunidades de reconhecimento dos saberes diferenciados e possam ser valorizadas na contribuição e no enriquecimento do processo de ensino, através da partilha de experiências.

1.8 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Procuramos descrever, ao longo deste projeto, os aspectos que consideramos relevantes e que levam a uma maior percepção de que os alunos da zona rural se apropriam com mais facilidade dos conteúdos de olericultura, em relação aos alunos da zona urbana. Neste sentido, pontuamos, desde um breve histórico da olericultura, como uma reflexão acerca da aprendizagem significativa, além de uma análise do perfil dos alunos das zonas rural e urbana.

Baseado em nossas experiências de acompanhamento dos alunos, percebemos que os alunos da zona rural relatam algumas vivências cotidianas relacionadas as atividades agrícolas, em virtude de seus pais, em sua maioria, serem produtores rurais. Parece que, em função destas circunstâncias, eles estão mais inseridos na proposta das atividades agrícolas, especialmente quando dos conteúdos de olericultura. Por outro lado, os alunos oriundos da zona urbana, demonstram maior curiosidade na descoberta das relações das diferentes práticas e seus resultados.

Ao percebermos tais aspectos, nos tornamos ainda mais responsáveis pela qualidade educacional destes alunos, pois estamos lidando com uma turma heterogênea, o que nos instiga a buscar estratégias didáticas que contemple tais diversidades.

Para isso, é preciso reconhecer a importância do professor como mediador e facilitador deste processo. Logo, o professor precisa estar em constante atualização, para que tenha subsídios, conhecimento científico e de mundo para, a partir destes ter condições de, percebendo estas diversidades, ser capaz de valorizar os distintos saberes, de forma a criar estratégias que permitam a interação entre os alunos, buscando compartilhamento de conhecimentos.

Neste sentido, é preciso perceber que os espaços pedagógicos se dão para além dos de sala



de aula. É preciso conhecer o contexto e as especificidades de cada aluno, considerando suas histórias, culturas, facilidades e desafios.

A partir destas análises e reflexões, temos por objetivo identificar se os conteúdos de olericultura são melhor compreendidos por alunos oriundos da zona rural ou da zona urbana, buscando, desta forma, termos a compreensão das possíveis facilidades e/ou dificuldades que os mesmos, em função da sua origem e suas especificidades, possam apresentar no processo de aprendizagem, para desta forma colaborar na qualificação do ensino.

1.9 CONTRIBUIÇÕES

Durante nossa trajetória, tanto acadêmica, quanto profissional, conforme já relatado, sempre acreditamos na importância de perceber e considerar os saberes já construídos pelos alunos. Saberes estes que antecedem a educação formal, quer seja, aqueles oriundos dos contextos familiares, sociais e culturais. Ademais, a valorização dos distintos saberes, entendendo que, de acordo com a origem dos alunos – urbanos e rurais –, seus saberes se diferem, embora ambos tenham suas relevâncias.

Se analisarmos a relevante contribuição destas percepções e refletirmos no sentido de que a construção do conhecimento, a partir de uma aprendizagem significativa, depende fundamentalmente da percepção do professor em relação a estes aspectos, ou seja, identificar quais alunos tem mais facilidades na construção do conhecimento, aqueles oriundos da zona rural ou os da zona urbana, para que a partir desta percepção, se possa construir uma proposta pedagógica que contemple ambos grupos, tanto instigando os que já possuem um conhecimento prévio do conteúdo a avançarem, como criar estratégias que facilitem o outro grupo, se for o caso, a ter mais facilidades neste processo de construção.

Assim, e pautados na ideia de que os conhecimentos são apropriados de maneira diferente pela diversidade de alunos presentes em sala de aula, e que este conhecimento é inerente ao professor, é que propomos a presente pesquisa, pois esta tem o intuito de identificar se os conteúdos de Olericultura desenvolvidos na disciplina de Agricultura Geral são melhor compreendidos por alunos oriundos da zona rural ou da zona urbana e, a partir desta constatação, criar um espaço de debates e partilha de experiências, que venham enriquecer o trabalho do professor, para que o mesmo possa contribuir de forma efetiva no êxito de ambos os grupos de alunos na construção do conhecimento “significativo”.

Logo, propomos a construção de uma revista pedagógica, uma cartilha, de desenvolvimento dos conteúdos de olericultura, onde seja possível ao aluno, da zona rural, identificar sua realidade e, aos alunos da zona urbana, conhecer a realidade da zona rural, a partir de experiências vivenciadas pelos produtores.



Este instrumento trará conhecimentos técnicos em relação aos conteúdos ministrados na disciplina de Agricultura Geral, com ênfase aos conhecimentos de olericultura, devidamente ilustrados, afora provocações para que professores produzam, na prática, espaços olerícolas, bem como promovam visitas a ambientes rurais, onde possam ser experiênciadas as atividades dessa área pelos alunos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **Variações sobre o prazer:** Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011. 188 p.
- ANTUNES, C. **Professores e professores.** Petrópolis: Vozes, 2013.
- AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H.. **Psicologia educacional.** Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- BARROS, B. **Há 40 anos, DDT precipitou restrições.** Valor Econômico. São Paulo: Agronegócios, 2010, 12p.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n 9394, 20 de dezembro de 1996.
- CERQUEIRA, T. C. S. **O Professor em sala de aula:** reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível. *Psic*, v. 07, n.01, 2006, p. 29-38.
- DAVIS et al. **Papel e Valor das interações sociais em sala de aula.** *Cadernos de Pesquisa*, n. 71, p. 49-54, 2013.
- FIGUEIRA, A. R. **Novo Manual de Olericultura** - a agrotecnologia moderna na produção e comercialização de hortaliças. Minas Gerais: Editora UFV, 2000, 185p.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- FORQUIN, J. C. **Escola e cultura:** as bases sociais e epistemológica do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. 205p.
- FOUREZ, G. **Crise no Ensino De Ciências?.** *Investigações em Ensino de Ciências*. v.2,2003, p. 109-123.
- FURTADO, J. C. F. **Aprendizagem Significativa:** modalidades de aprendizagem e o papel do professor. 1. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008, 96p.
- GASSON, R.; ERRINGTON, A. **The farm family business.** Wallingford: Cab International, 1993.
- GONDIM, S. M. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa:** desafios metodológicos. *Paidéia, Cadernos de Psicologia e Educação*, v. 12, n. 24, 2002, p. 149-161.